

## **ARTE E INTERCULTURA NA TERRA DE MAKUNAIMA: UMA PESQUISA NAS ESCOLAS ESTADUAIS DE BOA VISTA-RR**

Georgina Ariane Rodrigues Sarmiento; Ivete Souza da Silva

*(Universidade Federal de Roraima, gehariane@hotmail.com, ivetesouzadasilva@yahoo.com.br)*

**Resumo do artigo:** O presente texto apresenta os resultados de uma pesquisa de iniciação científica desenvolvida no Curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Roraima, com financiamento do PIBIC-CNPq. Teve como objetivo investigar de que maneira as questões interculturais estão presentes no ensino de artes nas escolas de Boa Vista-RR. Tal proposta surgiu da necessidade de se pensar uma educação voltada às necessidades e particularidades do estado, tendo em vista a diversidade cultural presente em sua constituição, bem como, a precária qualificação profissional dos professores(as) atuantes no ensino de artes, os quais, em grande maioria não possuem formação na área. A pesquisa foi realizada em três escolas da Rede Pública Estadual do município de Boa Vista-RR, tendo como participantes três professores(as) atuantes no ensino de arte e uma turma de cada professor(a) conforme sua indicação. Para a coleta de dados foram desenvolvidas entrevista (com os educadores) e questionário (com os alunos). A partir dos dados analisados foi possível concluir que existe uma rica diversidade em sala de aula que se manifestam através dos elementos culturais e lugares expostos pelos alunos, mas que para um ensino de qualidade é necessário que se leve em consideração toda a gama de vivências existentes, através do diálogo e da empatia. Para tanto, os professores devem se mostrar interessados em cooperar através da formação continuada, participação em eventos, atividades, palestras, oficinas que contribuam para um ambiente completo e ativo. O ensino da arte para ter sentido ao educando, assim como a educação de maneira geral, necessita estar articulado com os saberes que este leva consigo para dentro do espaço escolar. Daí a importância da construção de um espaço educativo propositivo onde o educando possa manifestar a sua cultura e a sua visão de mundo, entendendo-se como construtor do seu conhecimento.

Palavras-chave: Ensino de Artes; Educação Intercultural; Formação de Professores(as).

### **Palavras introdutórias**

Além da Linha do Equador, no extremo norte do Brasil o estado de Roraima é composto por 10 etnias indígenas, que contabilizam, segundo o Conselho Indígena de Roraima (CIR) 17% de sua população. Dentre estes povos, 30 mil indígenas vivem nas aldeias e 25 mil nas cidades. Os outros 83% da população do estado é composta por pessoas oriundas dos diferentes estados brasileiros, principalmente as regiões Norte e Nordeste, e dos países da Venezuela e Guiana Inglesa que fazem fronteira com o mesmo, conforme dados do IBEG (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas, CENSO, 2010). Tendo se tornado Estado Federado do Brasil em 1988 com a Constituição da República, Roraima vive, ainda de forma intensa, sua construção econômica/social/cultural e política. Roraima é como diria Canclini (2006), um “local fronteiriço”, não pela sua localização geográfica, mas, por abarcar em seu território elementos culturais de todo o

Brasil e dos países vizinhos que se relacionam sem uma definição exata, ou um processo de hibridação, sendo de lugar nenhum e de todo o lugar ao mesmo tempo. E se Roraima é esse caldeirão de diversidade, Boa Vista, sua capital é o centro, o coração desse processo, pois é ela que recebe a maioria dos migrantes, sejam eles brasileiros ou estrangeiros. Dos 505.665 habitantes de Roraima, cerca de 222.000 são oriundos de outros estados brasileiros sendo o Norte, Nordeste e Sul os mais expressivos, e 320.714 vivem em Boa Vista. Essa diversidade cultural e as relações estabelecidas a partir delas, adentram o espaço escolar, desafiando os professores(as) a lidarem com tal realidade.

A escola é um dos espaços da educação, no qual as mais diversas culturas se encontram e se atravessam, constituindo-se em um espaço formador e transformador de saberes diversos. Nesse sentido, Fleuri e Souza (2003, p. 65), ao pensarem as questões culturais a partir de uma educação intercultural nos chamam a atenção para o fato de que, “a relação entre educação e cultura(s) não pode mais se limitar ao âmbito dos conteúdos culturais, ou do currículo escolar”, pois, há que se considerarem as relações entre os diferentes sujeitos, e a forma como os mesmos a “agenciam”.

Para tal, faz-se necessário que educadores e educadoras possam, na criação de sua prática, buscar elementos culturais trazidos por seus educandos. Diante de tais considerações e da importância de pensarmos uma educação característica e propositiva foi que desenvolvemos a pesquisa que ora apresentamos, o qual teve como objetivo investigar de que maneira as questões interculturais estão presentes no ensino de artes nas escolas de Boa Vista-RR.

### **Caminhos metodológicos**

A metodologia desta pesquisa teve como base o parangolé metodológico desenvolvido pela a autora Ivete Silva, em sua tese de doutorado, quando entendemos que “a pesquisa acontece no movimento existente na relação entre ideia e objeto. O método de uma pesquisa não está pronto quando a iniciamos, mas, sim, vai sendo construído a partir das necessidades que vamos sentindo durante o seu desenvolvimento.” (SILVA, 2016, p. 20). E a feita do trabalho se deu no nosso tempo, traçando maneiras de adequação para um melhor desempenho. Ao procurar respostas sobre a interculturalidade presente na educação escolar, trilhamos passos já delimitados no projeto de pesquisa inicial, sob a forma de procedimentos e instrumentos da pesquisa. Nos primeiros momentos o projeto passou por aprovação do comitê de ética na Universidade Federal de Roraima. Em

seguida obtivemos autorização da secretaria de Educação Cultura e desporto para adentrarmos nas Escolas da Rede Pública Estadual presentes no município de Boa Vista-RR, nosso campo de pesquisa. Depois de realizar levantamento, entramos em contato as escolas e três demonstraram interesse, tanto por parte dos gestores como por parte dos professores e alunos. Sendo assim, optamos por delimitar o objeto de pesquisa somente nessas três escolas, dispersas pela capital de Boa Vista- RR, e a investigação se deu através do desenvolvimento de entrevistas com os professores buscando compreender sua concepção acerca das questões interculturais e como estas se relacionam com seu trabalho no ensino de artes e questionários com estudantes para conhecer sua constituição cultural e auxiliar na compreensão e identificação das manifestações interculturais presentes no espaço educativo. Os instrumentos de coleta de dados tiveram como base as orientações de Gil (2010). Cabe aqui informar que, para a exposição dos dados coletados na da pesquisa, houve uma decisão em deixar o nome das escolas, professores e alunos em anonimato, optando assim por dar nomes fictícios para as escolas e professores; e as turmas serão sinalizadas conforme a escola pertencente. Os nomes das escolas vão se chamar então “Makunáima”, “Cruviana” e “Capitiana” respectivamente. O nome dos professores, serão: Makunaimando (escola Makunaima); Maranhão (escola Cruviana); Roraima (escola Capitina).

Para melhor compreensão das análises e discussão dos dados definimos três tópicos que serão abordados a seguir. São eles: manifestações e representações culturais; o processo de troca intercultural; intercultural e metodologias de ensino em artes.

### **Manifestações e representações culturais**

No que diz respeito as regiões de origem, em todas as turmas pesquisadas, entre alunos de 13 à 15 anos de idade, foi encontrada uma variedade de lugares dos quais os pais eram originários, com estados das regiões sul, sudeste e centro-oeste do país, como Rio Grande do Sul, São Paulo e Goiânia, bem como países que fazem fronteira com o Brasil, como Guiana Inglesa, Venezuela e Peru. Mas, uma grande parcela advinha da região nordeste e Norte do país, dos estados de Paraíba, Maranhão, Rio Grande do Norte, Ceará, Pará, Tocantins e Manaus. Uma outra quantidade significativa vinha dos pais que nasceram no próprio estado de Roraima, seja na capital ou em outros municípios. Esses dados estão de acordo com as pesquisas realizadas sob a formação populacional do estado de Roraima que é constituído de gente de toda parte do Brasil e também países de fronteira, uma parcela conterrânea, formada por indígenas e a outra, devido a localização em que

se encontra o estado, na fronteira, conforme diz a pesquisadora Ivete Silva (2016, p. 20) em sua análise:

Além da Linha do Equador, no extremo norte do Brasil o estado de Roraima é composto por 10 etnias indígenas, que contabilizam, segundo o Conselho Indígena de Roraima (CIR) 17% de sua população. Dentre estes povos, 30 mil indígenas vivem nas aldeias e 25 mil nas cidades. Os outros 83% da população do estado é composta por pessoas oriundas dos diferentes estados brasileiros, principalmente as regiões Norte e Nordeste, e dos países da Venezuela e Guiana Inglesa que fazem fronteira com o mesmo, conforme dados do IBEG (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas, CENSO, 2010).

Observando essas análises, é possível traçar um imaginário da população e suas interações, marcada não só por conflitos, mas por trocas culturais enriquecedoras. Em consonância com as análises acima apresentadas verificamos a pesquisa de Francisco Espiridião que salienta o fato de que no processo de construção populacional histórico de Roraima, houve também um incentivo do governo para que as pessoas viessem explorar as riquezas minerais e construir aqui sua morada. Em seu livro “Histórias de garimpo” Francisco Espiridião afirma que “ (...) o território federal de Roraima vivia o auge da migração, iniciada com a ascensão, em abril de 1979, do oficial-general da força aérea brasileira (FAB) Ottomar de Sousa Pinto ao Governo (...)” (ESPIRIDIANO, 2011, p.25). Durante seu primeiro mandato Ottomar Pinto trouxe uma quantidade muito grande de imigrantes nordestinos, especialmente maranhenses, para povoar o estado, construindo assim o seu curral eleitoral. Aos novos moradores eram oferecidas moradia (terreno e material para construção das casas) e emprego como forma de atração (ESPIRIDIANO, 2011, p.25). Esses fatos demonstram o motivo de grande parcela dos pais dos estudantes participantes da pesquisa serem originários do nordeste brasileiro.

Já os próprios estudantes participantes da pesquisa nasceram no estado de Roraima, em sua grande maioria, na capital de Boa Vista, e os demais nasceram em localidades distribuídas entre o Maranhão, Ceará, Pará, Amazonas e Venezuela. Uma geração fruto da miscigenação, da mistura, dos conflitos e da diversidade que ainda ocorre, pois Roraima ainda é terra nova e está se construindo e moldando conforme a ação do contato e do tempo decorrido.

Em relação às diferentes formas de manifestações/representações culturais encontradas, as três escolas apresentaram como resultados a presença de diversidade, cada uma dentro da sua realidade e contexto, houve também alguns aspectos em comum, o que

mostra ao mesmo tempo, uma diferença e semelhança de lugar para lugar.

### **O processo de troca intercultural**

Com base no que foi exposto, observamos que as manifestações e representações culturais podem ser variadas, seja através de música, dança, vestimentas ou mesmo a comida. A sociedade pode criar, produzir, interagir de diversas formas possíveis dado o contexto numa era, num tempo, num período. Esses escritos entram em acordo com o conceito de cultura em que a autora Fayga Ostrower aborda em sua pesquisa, que a define como “as formas materiais e espirituais com que os indivíduos de um grupo convivem, nas quais atuam e se comunicam e cuja experiência coletiva pode ser transmitida através de vias simbólicas para a geração seguinte” (OSTROWER, 1987), ou seja, o que a sociedade cria e a maneira de como lida com isso reflete a sua realidade.

Essas relações acontecem da maneira mais complexa do que realmente pode parecer, o que também entra em acordo com o que Clifford Geertz conceitua sobre cultura onde afirma que são “as teias de significados e análises que o homem animal teceu encontra-se amarrado e também que é a totalidade acumulada de padrões culturais, ou seja, de ‘sistemas’ organizados de símbolos significantes” (GEERTZ, 1989, p 15. apud FLEURI, 2001 p 8.). Os conceitos apresentados sobre cultura podem ser observados na prática destas três turmas investigadas, onde alunos e professores apresentavam uma infinidade de comportamentos e costumes individuais e coletivos.

A princípio, as turmas nos revelaram um caldeirão de costumes e gostos presentes em um único ambiente, o escolar, variedades vindas de vários cantos do país, com origens e histórias. Sim, histórias. Os alimentos, por exemplo, nos contam muito sobre a identidade cultural de um povo, podendo até ser interpretado e classificado como patrimônio cultural brasileiro de natureza material segundo a Constituição Federal, no Art. 216, inciso II, que inclui modos de criar, fazer e viver. A paçoca, por exemplo, “composta basicamente de carne assada com farinha, foi a base alimentar de muitas correntes migratórias internas desde a época do desbravamento do interior do território nacional.” (LOBO, 2008). A cultura culinária está intrínseca em nossas vivências, assim como a música e a dança. Elas fazem parte das tradições, hábitos e costumes de um povo, como foi o caso das manifestações da música “Caxiri na cuia” e “Roraimeira” na pesquisa. A primeira ficou muito conhecida no estado de Roraima, difundida principalmente na época da homologação da demarcação das terras indígenas faz parte do primeiro álbum

musical de forró indígena, denominado “Caxiri na cuia: o forró da maloca” lançado em 2005. Como consta na dissertação de mestrado de Felipe Fernandez em que o mesmo a põe no contexto de forró como “cultura” em que esse estilo musical vem tomando parte das tradições dos povos (2015):

Desde a primeira metade do século XX, os ritmos de forró são preferenciais entre os Makuxi, especialmente para a maior parte da população Makuxi que habita a área brasileira do território indígena. (...) Muitas composições foram produzidas ao longo das décadas de disputas territoriais, sendo algumas delas registradas no primeiro álbum musical de forró indígena, denominado “Caxiri na cuia: o forró da maloca”. Lançado em 2005, o Caxiri na Cuia marca o auge das articulações políticas indígenas e indigenistas em âmbito local, ao coroar a homologação da demarcação da Terra Raposa Serra do Sol, assinada pelo então presidente da República do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva. (FERNANDEZ, 2015, p.106)

Sobre a segunda música, Roraimeira, é possível afirmar que é uma composição originária de um grupo musical formado por três componentes: Eliakin Rufino, Neuber Uchôa e Zeca Preto, denominados de Trio Roraimeira. Suas “marcas registradas são as diversidades temáticas e a pluralidade musical que há muito tempo desenvolvem trabalhos que estão relacionados à identidade cultural roraimense. Cujas características é a valorização indígena aliada a um caldeirão de sons que misturam ritmos caribenhos, amazônicos e nordestinos” (SILVA, 2013). Em 1989 também contribuíram para que houvesse um cenário artístico em Roraima mais ativo, pois os artistas promoviam shows e em seus discursos era nítida a importância que eles atribuíam para uma valorização maior da cultura regional.

Essas características, fatos e histórias não podem ser separadas do ser, ainda que esse processo ocorra de maneira inconsciente. Um indivíduo, por exemplo, não deixa de lado sua herança alimentar para ir à escola, ele a carrega consigo, assim como seu gosto musical e sua maneira de se vestir. Nessa perspectiva, entendemos que o ser humano é cultural, adota atitudes com base no que aprendeu culturalmente, “ele age culturalmente, apoiado na cultura e dentro de uma cultura” (OSTROWER, 1987, p. 13). Pensando sobre isso, nos perguntamos quais fenômenos ocorrem quando várias dessas culturas se encontram, como o indivíduo reage a isso e dependendo da resposta a essa indagação, como esse processo pode ser trabalhado em um ambiente escolar nas aulas de arte na contemporaneidade.

### **Intercultura e metodologias de ensino em artes.**

Observando as análises realizadas, vimos que dentro dos espaços pesquisados, houve sim a presença de diversidade cultural. Isso se deu através das análises das respostas dos alunos e professores sobre os diferentes lugares,

manifestações e representações culturais existentes em uma sala de aula. Nesse momento, nos deparamos com o termo intercultural, estudado e conceituado por muitos estudiosos, que o reduzem à folclore, ou o ampliam como a compreensão do “diferente”, ou simplesmente “mestiçagem”. (FLEURI, 2003,p.17). Para a pesquisa, entendemos a intercultural como um fenômeno de encontro de culturas a partir do momento que as mesmas estabelecem relações entre si, quando há um convívio mútuo entre indivíduos que possuem costumes, hábitos, comportamentos diferentes e que derivam de culturas diferentes, aqui incluem-se também, “o campo de debate entre as variadas concepções e propostas que enfrentam a questão da relação entre processos identitários socioculturais diferentes” (FLEURI, 2003, p. 23). Neste aspecto, há a necessidade do debate incessante acerca dessas questões, pois considerado sob o ponto de vista histórico, o processo histórico da humanidade no encontro de culturas, sempre se deu de forma violenta, através de guerra e discursos de ódio, valendo-se de perspectivas etnocêntricas que pregavam a noção de que “outras culturas eram consideradas inferiores e menos evoluídas, justificando-se assim, o processo de colonização cultural.” (FLEURI, 2003,p 18). Em Roraima esse processo ocorreu sob a forma de conflitos por terras, “existem registros de conflitos entre povos indígenas e “brancos”, arrastando-se até os dias atuais as problemáticas sociais que posicionam os dois grupos em constante choque.” (MELO, 2014).

Analisando essa situação vê-se necessária uma abordagem educacional que busque lidar com o preconceito decorrente de culturas distintas, motivados pelo medo ou ignorância. É nesse sentido que “o trabalho intercultural pretende contribuir para superar tanto a atitude de medo quanto a de indiferente tolerância ante o “outro”, construindo uma disponibilidade para a leitura positiva da pluralidade social e cultural (...) no respeito à diferença, que se concretiza no reconhecimento da paridade de direitos. (FLEURI, 2003, p. 16). Pensando em propostas educacionais e considerando a perspectiva de educação intercultural abordada nesta pesquisa, entendemos que as metodologias de ensino de maneira geral e em artes visuais em particular, devam ser construídas por todos os sujeitos que constituem o espaço educação, ou seja, professor e alunos. Uma educação em que, como afirma SILVA (2013, p. 119) “tanto educandos quanto educadores, deixem de ser sujeitos passivos do processo de ensino e aprendizagem, onde um finge que ensina e o outro finge que aprende”. Para tal é preciso que o professor construa um espaço e/ou ambiente pedagógico onde o aluno possa se manifestar e também sugerir ações e caminhos possíveis.

Na nossa pesquisa ao serem perguntados sobre como as aulas de artes contemplavam sua cultura, muitos alunos usaram o espaço para

fazer sugestões de “aulas de arte” que, no olhar deles, estaria contemplando a diversidade cultural presente na sua sala de aula, são elas: 1) Escola Makunáima: pintura, danças, artesanatos, colagens, filmes educativos, leituras de livros específicos sobre arte, incluir músicas do seu gosto no ambiente escolar, abordar histórias sobre as origens, a cultura e os elementos presentes no estado de Roraima; 2) Escola Cruviana: pintura, dança, artesanato, música, ter aulas práticas, falar sobre comidas típicas, customização de roupas, teatro, aulas de reciclagem, desenho e conhecer mais artistas locais. 3) Escola, Capitiana: pintura, desenho, conhecimentos sobre a origem de Roraima e assuntos ligados à cultura, cor, figura, linha e imagem, criar projetos que abordem a cultura de todos os alunos do estado.

As sugestões dadas pelos alunos podem contribuir para um direcionamento pedagógico na construção de uma prática educativa contextualizada que pode ser sistematizada e/ou organizada em forma de “Projetos de Ensino” como sugere Fernando Hernandez ou, numa perspectiva freiriana podem ser “Temas Geradores”. Essas sugestões podem refletir também uma carência vivida pelos alunos e uma necessidade de inclusão de algo que possua relevância em seu cotidiano, estando diretamente relacionadas à metodologias que consideram o aluno como um ser complexo, dotado de saberes adquiridos ao longo da vida, que saem dos modelos tradicionais de ensino, em que o professor é detentor de todo o conhecimento. Ferraz&Fusari (2009, p. 141) afirmam que “há necessidade de se conhecerem as particularidades de cada classe, cada grupo e cada aluno, o tempo de elaboração e resposta às situações apresentadas”. Essas metodologias apoiam um ensino diferenciado e particular, que valorizam a subjetividade de cada indivíduo, apoiado no conhecer “o outro”, levando em consideração o seu contexto familiar, social, financeiro, isto é, sua realidade. Aliado a esse pensamento, autora Jussara Hoffmann (2009, p.22) disserta sobre a maneira de como podemos compreender cada aluno afirmando que “é necessário recorrer à sua história e às condições concretas de sua existência” pois o aluno “ao longo de sua vida, é confrontado com múltiplas e diferentes vivências”. Diante disso, se torna evidente o uso de uma metodologia que abranja as individualidades de cada ser. Uma figura que se torna fundamental nesse processo é o professor(a) dentro de sala de aula enquanto mediador do ensino, estando sua prática relacionada com sua formação e os meios que busca para adquirir uma profissionalização mais adequada e eficiente para atuar no ensino de artes.

Como forma de adquirir mais detalhes para a investigação proposta neste trabalho foi perguntado aos professores sobre suas andanças e quais caminhos trilharam até chegarem a sua realidade profissional, atuando como

professores de artes em uma sala de aula da rede pública estadual de Boa Vista- Roraima. Ao passo que identificamos que todos os três eram formados no ensino superior em pedagogia, porém com percursos e tempos diferentes entre si, pois os discursos de individualidade se aplicam a todos os seres. Esses caminhos de qualificação e o modo de como enxergam o processo de ensino intercultural refletem diretamente na aprendizagem das turmas em questão. Na escola Makunaima, por exemplo, onde o índice de não participação na pesquisa foi muito elevado, Makunaimando não informou se, além de sua formação, que não é em artes, procurava se especializar participando de cursos de formação continuada, palestras, projetos, seminários, entre outros. Um fato curioso sobre a turma da escola Makunaima foi que mais de um aluno aproveitou a aplicação do questionário para denunciar um fato, o de que a professora Makunaimando “não ministrava aulas”, com isso eles não detalharam a prática da professora, ainda assim, isso revela uma atitude grave em relação à didática aplicada, pois a turma em questão foi a que se revelou menos participativa e também com respostas menos diversificadas em relação às demais. Esse ambiente pode nos revelar uma didática aplicada durante muito tempo em salas de aula por todo o Brasil, que resultava na castração do pensamento crítico e impedia os alunos de se desenvolverem plenamente enquanto seres que refletem, dialogam e questionam. Silva (2016, p. 87-88) a partir das ideias de Paulo Freire afirma que o ensino muitas vezes se torna silenciador do aluno, através da aplicação de práticas disciplinadoras e autoritárias que os educadores estabelecem, pautadas no pensamento de que “há alguém que sabe e alguém que não sabe; alguém que ensina e alguém que aprende; alguém capaz de tomar decisões e alguém que deve exercê-las” fazendo do aluno um não cidadão, alguém que não é capaz de pensar sobre sua realidade e tentar transformá-la.

Na escola Cruviana, a professora Maranhão, se mostrou mais informada em relação ao meio educacional de artes e os processos de ensino intercultural, pois comunicou que busca envolver-se em atividades voltadas ao ensino de artes, citando exemplos como: participação com apresentação de trabalho em eventos da área de Arte-educação, realização de cursos de extensão e participação em programas do governo federal como o Pibid (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à docência) ao passo que acompanhava alunos do curso de Artes Visuais da UFRR em suas turmas. A professora também buscava compreender a realidade social de seus alunos, pois muitos chegavam atrasados em suas aulas devido a distância da escola às residências, optando por não tornar este um fator repressivo e reprovável. Pode-se relacionar esse currículo à

participação otimista dos alunos na pesquisa, na qual poucos se negaram a dar sua opinião no questionário e muitos contribuíram com respostas diversificadas, o que mostrou interesse em colaborar conosco. O interesse da professora Maranhão em se manter bem informada acerca de metodologias que complementem o seu exercício de função estão de acordo com o que pensam as autoras Fuzari&Ferraz em suas obras, intituladas “Arte na Educação Escolar” (1993) e “Metodologia do ensino de Arte” (2009), quando dizem que “os estudantes têm o direito de contar com professores que estudem e saibam arte vinculada à vida pessoal, regional, nacional e internacional” pois, “o professor de arte é um dos responsáveis pelo sucesso desse processo transformador, ao ajudar os alunos a melhorarem suas sensibilidades e saberes práticos e teóricos em arte”, as autoras detalham o seu raciocínio afirmando que:

Os professores, em sua formação, necessitam de conhecimentos consistentes para transpor suas vivências para a sala de aula (...) é preciso que o professor tenha sólidos conhecimentos de arte, saiba encaminhar suas ações pedagógicas e dê condições para a realização desse processo. (FERRAZ & FUSARI, 2009, p. 140-141)

Nesse aspecto, percebeu-se um esforço da professora Maranhão em proporcionar aos seus alunos, com base nas suas experiências, um melhor aprendizado, baseado na procura eminente pelo conhecimento de artes e na realização de atividades didáticas que busque envolver a todos os alunos.

O professor Roraima (escola Capitiana), nos revelou uma visão realista, porém um tanto pessimista quanto a presença de interculturalidade dentro de sala de aula. Por meio de nossa conversa durante a entrevista quando perguntado sobre como se davam os processos interculturais em sala de aula, o mesmo respondeu que atualmente as pessoas não valorizavam mais sua cultura, que todos estavam misturados e não se respeitava mais suas tradições. O que pode ser uma verdade, se considerarmos os discursos de identidade cultural desenvolvido por Stuart Hall (1999, apud FLEURI, 2003) em que diz que “O sujeito previamente vivido como tendo uma identidade única e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma, mas de várias identidades (...)”. No entanto, quando interrogado sobre como esse jogo de identidades poderia ser trabalhado em sala de aula, o mesmo informou que isso é algo complicado de ser realizado. Essas respostas entram em desacordo com a resposta dos próprios alunos onde os mesmos deram inúmeras sugestões de como gostariam que a temática cultural fosse executada.

O que se propõe a partir desta pesquisa, é que o ensino possa ser trabalhado através do diálogo entre professor e aluno, “contrário ao

silenciamento (...) onde “tanto educandos quanto educadores deixem de ser sujeitos passivos do processo de ensino e aprendizagem, onde um finge que ensina e outro finge que aprende.”(SILVA, 2016, p. 89). Que estes possam vincular suas vivências à prática em sala de aula e a partir disso, construir um conhecimento pleno, em que ambos sintam-se realizados enquanto sujeitos pensantes.

### **Considerações finais**

Tomando como base tudo o que foi exposto anteriormente, percebe-se que um ambiente escolar em Boa Vista- RR pode ser repleto de diversidade. Pessoas que carregam em si um misto de lugares, comidas, tradições, músicas, etc. e que necessitam que essas particularidades sejam levadas em consideração para o seu aprendizado pleno. Para tanto, se torna indispensável o uso de metodologias que contemplem o diálogo, para que tanto professores quanto alunos possam ser ouvidos e assim construir uma linguagem entendida por todos, que haja uma comunicação direta sem repressões, medos e silenciamentos. Analisando de forma geral as três turmas pesquisadas, foi possível constatar que ainda falta muito para se alcançar esse tão almejado ensino, pois ainda há professores que não se comprometem verdadeiramente com o saber e também com a disciplina de artes, o que revela também um descaso com o próprio sujeito, dotado de complexidades. Através desta pesquisa esperamos contribuir para a construção de um ensino que preze pela subjetividade do aluno, não o abordando enquanto máquina que “pega” um conteúdo e põe na mente como uma caixa ambulante, semelhante a ideia de educação bancária criticada por Paulo Freire (1983), mas que assimile, processe, reflita, execute, vivencie tudo a seu tempo e modo, para que assim professore e aluno possam aprender e construir juntos o seu caminho de aprendizagem.

### **REFERÊNCIAS**

- CANCLINI, N. G. **Consumidores e Cidadãos**. Rio de Janeiro. UFRJ, 2006.
- ESPIRIDIDÃO, Francisco. **Histórias de Garimpo: Extração Mineral em terras Roraimenses**. Fortaleza: Tipoprogresso, 2011. 163 p.
- FERRAZ, Maria Heloísa C. de T.; FUSARI, Maria F. de Rezende e. **Arte na Educação Escolar**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1993.
- FERRAZ, Maria Heloísa C. de T.; FUSARI, Maria F. de Rezende e. **Metodologia do Ensino de Arte: Fundamentos e Proposições**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- FERNANDES, Felipe Munhoz Martins. **Do parixara ao forró, do forró ao “parixara”: uma trajetória musical**. 2015. 168 p. Dissertação

(83) 3322.3222

contato@joinbr.com.br

[www.joinbr.com.br](http://www.joinbr.com.br)

(mestrado em Antropologia)- Programa de pós graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2015. Disponível em: < [www.ufscar.br/ppgas/wp-content/uploads/felipe-munhoz-martins-fernandes.pdf](http://www.ufscar.br/ppgas/wp-content/uploads/felipe-munhoz-martins-fernandes.pdf) > Acesso em 20 ago de 2017.

FLEURI, R.M E SOUZA, M. I. P. de. **Entre limites e limiars de culturas: educação na perspectiva intercultural**. In: Educação Intercultural: mediações necessárias; FLEURI, R.M. (Org). Rio de Janeiro. DP&A, 2003.

FLEURI, Reinaldo Matias. **Intercultura e Educação**. Rev. Bras. Educ. maio/junho/julho/agosto de 2003. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782003000200003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000200003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)> Acesso em: 12 de ago de 2016.

FLEURI, Reinaldo Matias org. **Cultura: Uma categoria plural**. In FLEURI, Reinaldo Matias. Intercultura: Estudos emergentes. Ijuí: Unijuí, 2001. 152 p.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Pontos e contrapontos: do pensar ao agir em avaliação**. 9ª ed. Revista. Porto Alegre: Mediação, 2005. 152 p.

LOBO, H. A. S. **Entre sabores e vivências: culinária típica local e ecoturismo no centro-sul do Brasil**. Revista Nordestina de Ecoturismo, Aracaju, v.1, n.1, p.34-50, 2008. Disponível em: < <http://sustenere.co/journals/index.php/nature/article/viewFile/25/3> > Acesso em 20 ago de 2017.

MELO, Luciana Marinho de. **Populações Indígenas na Cidade de Boa Vista – Roraima: Dinâmicas Sociais e processos de (re)significação identitária em contexto urbano**. Trabalho apresentado na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, Universidade Federal do Pará, 2014. Disponível em: < [http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1402014448\\_ARQUIVO\\_ArtigoLucianaMeloABA.pdf](http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1402014448_ARQUIVO_ArtigoLucianaMeloABA.pdf) >. Acesso em: 12 ago de 2016

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 1987.

SILVA, Ivete Souza da. **A interculturalidade no ensino de arte das escolas da rede pública estadual de Boa Vista-RR**. Projeto de pesquisa. Boa Vista, 2016.

SILVA, Ivete Souza da. **Hélio Oiticica, Augusto Boal e Paulo Freire: Proposições antropofágicas e Interculturais para o Ensino de arte**. In SILVA, Ivete Souza da, org. Arte na Amazônia: Conversas Sobre o ensino na região norte. Boa Vista: Editora da UFRR, 2016. 207 p.

SILVA, Jéssica Carla da. **RORAIMA NA DÉCADA DE 1980: O debate artístico e cultural**. 2013. 81p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de História, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2013. Disponível em: < [http://ufrr.br/historia/index.php?option=com\\_phocadownload&view=category&download=95:roraima-na-decada-de-1980-o-debatico-artistico-e-cultural&id=4:publicacoes&Itemid=204](http://ufrr.br/historia/index.php?option=com_phocadownload&view=category&download=95:roraima-na-decada-de-1980-o-debatico-artistico-e-cultural&id=4:publicacoes&Itemid=204) >. Acesso em: 13 de ago de 2013.